

INVESTIGANDO O TEMA GÊNERO EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS

Marcos Felipe Silva Duarte¹, Jucenilde Thalissa de Oliveira², Weyffson Henrique Luso dos Santos³, Natarsia Camila Luso Amaral⁴, Annanda Crystina Chagas Santos⁵

RESUMO

Gênero é objeto de investigação em vários âmbitos sociais como a família, a medicina, a religião, a mídia, e a escola. Dentro do ambiente escolar temos a construção de discursos sobre este tema e um dos principais recursos que serve como aporte para isto são os livros didáticos de Ciências. A partir de seus textos, atividades e ilustrações a temática gênero vai sendo representada. Este trabalho apresenta os resultados de uma investigação qualitativa documental, tendo como aporte teórico os Estudos Culturais em Educação, realizada em dezesseis livros didáticos de Ciências do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano), do ciclo 2014-2016, onde os objetivos foram: analisar as ideias sobre gênero difundidas; e problematizar os discursos veiculados. Seguindo as metodologias de Bardin (2011) e Minayo (2011), foram criadas duas categorias de análise: “corpo biológico” e “corpo sociocultural” que foram submetidas a leituras e posterior discussão. Os livros analisados apresentam pouco conteúdo acerca de gênero e estes, em maioria, têm uma perspectiva biológica, usando a fisiologia e anatomia para falar de gênero e sexo, ou seja, a preocupação com os órgãos reprodutores, os processos fisiológicos e as diferenças anatômicas foram mais representativas e nem sempre apresentadas de forma contextualizada. A temática também é apresentada por um viés sociocultural, porém, estes aspectos são pouco visibilizados. O fato de o discurso biológico sobre gênero ser predominante nos livros compromete a compreensão do tema como algo construído historicamente pela

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA). Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade IDAAM. Graduado em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX/UEMA).

² Mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Maranhão (PPGE/UEMA). Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Membro do Grupo de Pesquisa em Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GP-ENCEX/UEMA), e membro do Grupo de Pesquisa Multiletramentos e Ensino de Língua Portuguesa (GP-MELP).

³ Mestre em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Licenciado e Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Professor da Rede Municipal de Educação de São Luís, Maranhão. Coordenador de TCC e Estágio do Programa Ensinar de Formação de Professores da Universidade Estadual do Maranhão (ENSINAR/UEMA). Coordenador de Acompanhamento de Ensino (PROG/UEMA). Membro do Grupo de Pesquisa Ensino de Ciências, Saúde e Sexualidade (GPENCEX/UEMA/CNPq).

⁴ Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Maranhão. Professora contratada na Universidade Federal do Maranhão. Professora da Rede Municipal de Educação de São José de Ribamar, Maranhão.

⁵ Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante (FAVENI). Licenciada em Física pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

sociedade e contribui na reprodução de estereótipos. Esta pesquisa pode servir para a construção de livros didáticos que possibilitem aos sujeitos o acesso a informações científicas e interpretações éticas do tema.

Palavras-chave: Corpo Biológico, Corpo Sociocultural, Livros Didáticos, Ensino de Ciências, Estudos Culturais em Educação.

INVESTIGATING GENDER IN SCIENCE TEXTBOOKS

ABSTRACT

Gender is an object of investigation in several social spheres such as the family, medicine, religion, the media, and the school. Within the school environment we have the construction of discourses about this theme and one of the main resources that serves as a support for this are the science textbooks. From their texts, activities, and illustrations, the gender theme is being represented. This paper presents the results of a qualitative documentary research, with the theoretical support of Cultural Studies in Education, carried out in sixteen science textbooks for the final years of elementary school (6th to 9th grade), from the 2014-2016 cycle, where the objectives were: to analyze the ideas about gender disseminated; and problematize the discourses conveyed. Following the methodologies of Bardin (2011) and Minayo (2011), two categories of analysis were created: "biological body" and "sociocultural body" that were submitted to readings and subsequent discussion. The analyzed books present little content about gender and these, in majority, have a biological perspective, using physiology and anatomy to talk about gender and sex, that is, the concern with the reproductive organs, the physiological processes and the anatomical differences were more representative and not always presented in a contextualized way. The theme is also presented through a sociocultural bias, however, these aspects are not made much visible. The fact that the biological discourse on gender is predominant in the books compromises the understanding of the theme as something historically constructed by society and contributes to the reproduction of stereotypes. This research can serve to build textbooks that allow subjects to have access to scientific information and ethical interpretations of the theme.

Keywords: Biological Body, Sociocultural Body, Textbooks, Teaching Sciences, Cultural Studies in Education.

INTRODUÇÃO

Historicamente temos uma dinâmica de temas que, em determinado momento, emergem e tornam-se alvo de discussão, muitas vezes por necessidade de compreensão por parte da sociedade, bem como de tomadas de decisões, refletindo,

desta forma, as ideias das pessoas nestas épocas, suas preocupações e questionamentos, o que nos permite perceber os avanços ou retrocessos nos debates, analisando os meios pelos quais tais discussões aconteceram e quais foram os principais sujeitos que contribuíram para que estas avançassem.

A sociedade muda a todo momento, porém essa mudança nem sempre acontece de forma crescente rumo ao progresso, muitas vezes retrocedemos em relação a muitas discussões. O que dificulta ainda mais esta compreensão é que a ideia de progresso é algo subjetivo, dependendo do tema tratado. As pessoas pensam de forma diferente e nem sempre o que configura para mim como um avanço, também o será para o leitor deste trabalho acadêmico.

No âmbito desse espectro de discussões temos algumas que, por mais que pareçam unanimidade, não o são, como o caso das questões raciais. Há pouco mais de cem anos tivemos a Abolição da Escravatura no Brasil, e nas últimas décadas observou-se uma abordagem ampla das discussões sobre os direitos destes povos, que por tanto tempo, sofreram e foram impedidos de viver livremente. Hoje, entretanto, ainda constatamos que não somente o nosso país, porém muitos outros lugares do mundo continuam bastante racistas. Observamos casos de pessoas que atacam qualquer manifestação da cultura negra, e não concordam com a ideia de que estas podem fazer parte da mesma sociedade que eles. Para pessoas assim, movimentos de reparação social como cotas para negros em concursos e universidades, ou até mesmo a demonstração de seus costumes, não configuram como progresso social.

Da mesma forma, ocorrem as discussões de gênero, que nos últimos anos têm ganhado um destaque em diversos espaços. Matérias jornalísticas, programas de tv e livros, são exemplos de locais onde podemos encontrar facilmente discussões que se relacionam com a temática de gênero, e ainda, neste momento de Globalização e avanço tecnológico, em que vivemos, não podemos esquecer dos espaços virtuais como as redes sociais, os canais e vídeos no YouTube, os quais propõem debates onde qualquer pessoa pode expressar sua opinião, o que nem sempre é saudável, visto que, assim, muitos anônimos tendem a fazer discursos de ódio, desrespeitando muitas pessoas.

Por mais que exista essa dimensão negativa no âmbito virtual não podemos negar que este foi e é um importante espaço para que o tema gênero fosse debatido sob diversos olhares. Hoje as informações e produções científicas são mais acessíveis, o que permitiu com que pudéssemos debater gênero fluido, a expressão do masculino e do feminino, questionar os estereótipos, as padronizações, as imposições, expectativas, e assim, ampliar o debate para além do mundo virtual, chegando até a ambientes historicamente mais conservadores, como a escola.

A ideia de trabalhar temas como gênero na sala de aula é fenômeno social que ainda gera muita discussão visto que muitos pais e mães não concordam que este tipo de conteúdo possa ser debatido; para estes, o simples fato de comentar sobre gênero, sexo ou sexualidade, pode ser uma razão para que os filhos comecem sua vida sexual de forma precoce, ignorando a dimensão de informação e conhecimento que é essencial para que estes adolescentes compreendam o assunto, e assim percebam as responsabilidades e possibilidades a que estão expostos.

Vivemos uma onda conservadora que ocupa diferentes espaços na sociedade, a exemplo, da presidência da república, no caso do nosso país, e que vem provocando muitos debates já que parte da população não concorda com esta visão. Estes debates incluem as questões de gênero dentro e fora da sala de aula. Falar de expressão de gênero masculino e feminino e daqueles que transitam neste meio muitas vezes não é um assunto bem visto na escola, muitos profissionais da educação acabam omitindo tais assuntos para desviar das polêmicas, porém, as relações de gênero estão refletidas em muitos conteúdos do cotidiano, e nem sempre é possível fugir destas.

Dentro da escola temos um importante artefato cultural que é o livro didático. Nele estão estampados diversos discursos, inclusive, sobre gênero. Através dos seus textos, atividades, imagens, ilustrações, observamos as relações entre o feminino e o masculino, como são apresentadas, em que conteúdos, em qual formato. Tratando-se de um dos principais recursos para professoras(es) e alunas(os), o livro didático representa, então, um complemento para a formação de conceitos, por isso, deve ser utilizado para promover um debate amplo sobre as questões de gênero.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs preceituam que os alunos e alunas devem compreender a sua cidadania como participação social e política, conhecendo e exercendo seus deveres e direitos, tendo atitudes de repúdio às injustiças e valorizando a pluralidade cultural (BRASIL, 1998). Aqui temos uma abertura para enfatizar que as relações entre homens e mulheres, baseadas nos estereótipos de que mulher é o sexo frágil e de que o homem é forte e não chora, não cabem mais no âmbito do momento histórico no qual nos encontramos. Não podemos reproduzir tais discursos na sala de aula enquanto docentes ou qualquer outro profissional da educação. A professora ou o professor precisa ter um olhar crítico acerca das relações de gênero que são expostas no cotidiano da sala de aula, seja nos discursos encontrados nos livros didáticos seja nas atitudes de seus alunos.

O olhar dos Estudos Culturais (EC) em Educação propiciam essa possibilidade aos docentes, visto que este aporte teórico-metodológico sempre visou o estranhamento, o questionamento de verdades absolutas, de padronizações. Tendo surgido como forma de questionar a hierarquização das chamadas baixas e altas culturas, os EC's buscaram analisar, dentre outras coisas, os meios de comunicação em massa e movimentos de resistência das subculturas, ou seja: daqueles grupos que eram discursados como de menor importância na sociedade, e que tiveram que resistir para validar suas vivências, mostrando que cultura não era apenas a erudita, mas também a popular (BAPTISTA, 2009).

Partindo desta relação base entre meios massivos, cultura e sociedade, os EC's apresentaram com o tempo uma diversificação dos seus objetos de estudo, permitindo assim, a análise de questões como gênero, fazendo questionamentos acerca do que nos é imposto desde cedo enquanto seres masculinos ou femininos, e desta forma, este campo de estudo nos auxilia na análise dos discursos sobre tal temática nos livros didáticos de Ciências (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003; REIS, 2017).

Nas escolas brasileiras o livro didático exerce um papel importante visto que é um recurso ainda muito utilizado⁶, que serve como base para que os docentes programem os conteúdos a serem dados durante o ano letivo, e também, para os

⁶ Ainda os atuais e-books.

discentes conhecerem diversos conteúdos novos, e no caso da disciplina de Ciências, serve também para compreensão do seu próprio corpo, formando conceitos e ideias; portanto, é necessário que os discursos sobre gênero nesses livros se façam presentes e de forma a contemplar uma discussão com aspectos sociais, e não apenas os biológicos. Em busca de compreender como o tema gênero se apresenta neste importante recurso, objetivamos nesta pesquisa analisar, compreender e problematizar os discursos sobre gênero em Livros Didáticos de Ciências do Ensino Fundamental Anos Finais (6º ao 9º ano).

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa qualitativa de cunho documental e posteriormente empreendemos uma análise de conteúdo (Minayo, 2014; Bardin, 2011). A utilização de documentos para análise em pesquisas é algo a se apreciar segundo Sá-Silva *et al.* (2009), pois, como indicam, alguns temas necessitam de uma compreensão do contexto histórico e sociocultural para que possam ser discutidos de forma mais clara e ampla, e as informações contidas nesses documentos podem-se mostrar importantes fontes para este entendimento.

Os livros utilizados na pesquisa foram compilados em cinco escolas da rede pública municipal da cidade de São Luís - MA, onde conseguimos quatro coleções com exemplares do 6º ao 9º ano, totalizando dezesseis livros (Tabela 1). Utilizamos como critério para escolha dos livros a aprovação no Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), do Ministério da Educação (MEC) que se trata de um documento disponibilizado pelo governo federal brasileiro às escolas públicas de todo o país indicando coleções de livros didáticos, portanto, todos os livros já tinham passado por essa espécie de chancela por parte do governo.

Tabela 1 - Coleções de Livros Didáticos de Ciências analisadas na pesquisa

COLEÇÕES	AUTORES
Ciências , 5.ed. São Paulo: ática, 2012.	BARROS, C; PAULINO, W.
Ciências - Novo Pensar , 1. ed. São Paulo: FDT, 2012.	GOWDAK, D; MARTINS, E.

Projeto Araribá: Ciências, 3. ed. São Paulo:
Moderna, 2010.

SHIMABUKURO, V.

Projeto Teláris: Ciências, 1.ed. São Paulo:
Editora Ática, 2013.

GEWANDSZNAJDER, F

Fonte: próprio autor / 2019.

Dando início às etapas da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), os livros passaram pela pré-análise, quando realizamos uma leitura flutuante de todo o material, sendo assim chamada por não se tratar de um momento para se aprofundar, mas para organizar o corpus investigativo. Aqui foram reconhecidos todos os itens que poderiam ser analisados nos livros como: textos, ilustrações, fotografias, atividades e glossário. Foram também separados todos os trechos destes itens que discursavam sobre gênero. Ainda nesta primeira etapa foram criadas categorias para melhor enquadrar os discursos com base em seus vieses, sendo estas: Corpo Biológico e Corpo Sociocultural.

Partindo para a segunda etapa da análise, fizemos uma leitura em profundidade, onde todo o corpus composto pelos trechos, que falavam de gênero, foi lido com atenção e estes trechos foram então, categorizados, permitindo assim a entrada na terceira e última etapa: a análise e problematização dos discursos encontrados nos livros didáticos de Ciências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dezesseis livros pertencentes as quatro coleções analisadas apresentam trechos sobre gênero tanto dentro de uma perspectiva biológica, quanto de uma perspectiva sociocultural, entretanto, o teor discursivo dos trechos é mais técnico, pontuando discussões sobre a biologia e fisiologia do corpo feminino e masculino, enquanto que os aspectos socioculturais são mais pontuais nos materiais analisados, fazendo pequenas discussões que trazem essa ideia das relações de gênero com o meio social.

Quando tratamos do corpo como algo apenas orgânico, não damos espaço para que questões que vão além da Biologia sejam colocadas em pauta na sala de aula. É

importante se entender a anatomia, fisiologia e todo o nosso funcionamento, principalmente nas aulas de Ciências, porém, não devemos distanciar-nos tanto da identidade do nosso corpo. Não é interessante a ideia de um corpo fragmentado, sem as interferências sociais que o formam como um todo (SOUZA, 2005), mas sim que haja desde cedo a conexão entre o biológico e o social para que os alunos e alunas compreendam a construção de seus corpos, que nem sempre seguem as padronizações biológicas.

O corpo humano em si é muito mais que um conjunto de órgãos e sistemas, mas um local de significados, expressões, de cultura. A forma como falamos, nos vestimos⁷, nos cuidamos, são parte da expressão de quem somos, da nossa identidade, que é reflexo do momento histórico e do ambiente no qual estamos inseridos, mas também das intenções e vivências pessoais (GOELLNER, 2003).

Este é um processo de construção que acontece durante toda a vida e em todos os espaços sociais, como, por exemplo, a Família, a Igreja e a Escola. Somos instruídos sobre gênero desde cedo através dos discursos feitos nesses locais. Aprendemos que homens não devem chorar, devem orgulhar-se de seus órgãos e de sua vida sexual, enquanto mulheres devem ser delicadas, recatadas e não expressarem seus desejos sexuais. Essas imposições são feitas desde a infância e assim crescemos com essas ideias de homens e mulheres. Alguns dos livros analisados trouxeram algumas imagens que reproduzem certos estereótipos de gênero.

Figura 1 - Estereótipos de gênero encontrados nos Livros Didáticos de Ciências



Fonte: A - Gowdak; Martins (2012, p. 253); B - Shimabukuro (2010, 83); C - Gowdak; Martins (2012, p. 247); D - Shimabukuro (2010, p. 61).

⁷ A semiótica afirma que a roupa é uma segunda pele.

As cores são talvez a primeira forma de dividir o que seria “coisa de homem” e o que seria “coisa de mulher”. A partir do momento em que se descobre o sexo do bebê inicia-se a busca por itens na cor rosa, para as meninas, ou azul, para os meninos. Essa descoberta do sexo é feita hoje muitas vezes com base nas cores, através dos chamados “chás de revelação”, onde o azul ou rosa é utilizado para representar o menino ou menina.

À medida que o bebê cresce passa a querer brincar, e aqui temos todo um universo diferente para cada um. Os meninos são presenteados com carrinhos, armas, bolas, vídeo games, enquanto as meninas recebem como presentes kits de maquiagem, panelinhas, fogões, bonecas. Os meninos são desde cedo encorajados a serem super-heróis, não demonstrarem fraqueza, e as meninas são advertidas a serem princesas, prendadas e elegantes.

Essas normalizações não podem se fazer presentes na sala de aula no século XXI, são questões que podem parecer pequenas ou sem importância, mas que desencadeiam uma linha de pensamento acerca dos homens e mulheres, a qual pode ensejar casos de violência ou desrespeito no futuro baseados na ideia de que o homem deve ser superior a mulher ou que tem uma autoridade sobre ela. O questionamento e discussão dos estereótipos e padrões impostos devem ser um ponto-chave no debate sobre gênero, na escola, e alguns dos livros analisados trouxeram trechos que promoviam esse debate.

“Atividade 9. Leia as frases: ‘meninos são corajosos e fortes. Meninas são sensíveis e comportadas’. Você acha correto generalizar sobre comportamentos e personalidades dos gêneros masculinos e femininos?” (SHIMABUKURO, 2010, p. 52).

Esse tipo de incentivo pode ser essencial para que os alunos e alunas, e até mesmo os docentes, repensem seus conceitos e possam enxergar a mulher e o homem como diferentes, porém, sem a ideia de superioridade por parte de nenhum dos dois, sendo desta forma possível iniciar a desconstrução desses estereótipos que acabam por limitar tais sujeitos. Aquilo que identificamos hoje como masculino ou feminino pode

não ser para sempre dessa forma, assim como não foi no passado. O gênero é construído pela sociedade historicamente e estas noções são mutáveis (GOELLNER, 2010).

As relações de poder envoltas nas relações de gênero ocorrem de diversas maneiras, e uma delas é através da naturalização da mulher mãe, o condicionamento da feminilidade à maternidade, o que tem ligação com a visão do corpo como um ser orgânico e reprodutor. Nos livros didáticos utilizados na pesquisa muito se falou a respeito da função reprodutora dos corpos, do momento no qual o homem está pronto para doar seus espermatozoides, e de toda a preparação do corpo feminino para a chegada de um futuro bebê.

“A partir da puberdade o organismo dos rapazes e das garotas se tornam capazes de gerar filhos” (BARROS; PAULINO, 2012, P. 74).

A mulher pode acabar por carregar essa responsabilidade de ser mãe um dia, como nos ciclos de vida mostrados na sala de aula onde o indivíduo nasce, cresce, se reproduz e morre. Dentro deste contexto, quando a mulher engravida, temos ainda uma outra problemática que é o abandono paterno, quando o pai se vê no direito de não assumir o filho ou de não participar inteiramente de sua criação, deixando para a mulher as tarefas diárias com os filhos em razão destas serem vistas como “serviço feminino”, ou apenas por não quererem a responsabilidade de cuidar de um filho.

No livro de Barros e Paulino, para o oitavo ano, foram encontrados alguns trechos que trazem essa discussão de forma bem positiva, questionando essa visão machista acerca da divisão de responsabilidades, e que contribui para a inclusão do homem nestas discussões para que este perceba seu papel enquanto pai.

“É a mulher quem fica grávida, mas ela não engravida sozinha. A responsabilidade é do casal. Se os seus parceiros não conseguem conversar sobre o assunto, ainda não chegou não a hora de eles terem relações sexuais” (BARROS; PAULINO, 2012, p. 74).

“Trabalhe estas ideias: Você acha que a responsabilidade de uma gravidez é da mulher, do homem ou de ambos? Argumente, justificando sua ideia” (BARROS; PAULINO, 2012, p. 74).

A discussão acerca de gravidez é encontrada nos livros quando se fala de educação sexual. Os poucos trechos que tratam dessa temática a fazem dentro de uma perspectiva de prevenção da gravidez na adolescência e DSTs, ou seja: uma educação sexual higienista, pautada no controle dos corpos, influenciada por discursos moralistas que pairam sobre essa temática na escola há muito tempo e que acabam por limitar a sexualidade ao seu aspecto biológico, sem levar em conta as expressões da feminilidade e da masculinidade (VIEIRA; MATSUKURA, 2017).

Quando se discute temas como gravidez e sexualidade, sem analisar-se o lado feminino, a discussão tende a reproduzir estereótipos já citados, como a mulher estar destinada a ser mãe e a satisfazer o homem. A dominação masculina, segundo Grossi (1996), ganha um espaço criado pela sociedade quando se dá a mulher um papel submisso, passivo e desta forma, a mulher passa a ser vista como um objeto, como algo a ser usado; como consequência disto podemos observar casos de violência doméstica contra a mulher, assim como muitos casos de estupro, quando encontramos justificativas relacionadas ao comportamento feminino, por não se enquadrar no que é esperado pelo homem e por uma parte da sociedade.

A mulher que não fica em casa cuidando dos filhos, que não aceita ser traída, quando veste roupas curtas, quando dança em público etc., são exemplos de argumentos usados para tais atos de violência física e mental que podem vir a ser fatais. Quando o homem é ensinado desde pequeno que é superior a mulher, tais casos são comuns, e esses ensinamentos se dão através de pequenos atos diários que constroem os papéis masculinos e femininos considerados corretos a serem imitados e estabelecidos.

Percebemos então que as mulheres precisam ser ouvidas quando as discussões envolvem seus direitos. Os livros apresentaram alguns trechos pontuais que promoviam um debate dentro de uma temática em que a voz feminina é essencial, mas que acabam por serem pouco ouvidas: o aborto.

“A questão do aborto vem sendo muito debatida em nossos dias. Algumas pessoas são contra o aborto porque consideram que ele destrói uma vida

humana. Essa é a posição de várias religiões, como a católica. Outras pessoas acham que a mulher deve ter o direito de decidir sobre o seu corpo e de interromper uma gravidez não planejada. Esse grupo defende a legalização do aborto em nosso país” (GEWANDSZNAJDER, 2013, p. 244).

O livro de Gewandsznajder (2013) propõe esse debate trazendo os diferentes argumentos daqueles que são a favor e contra o aborto, o que permite com que as(os) alunas(os) e as(os) professoras(es) observem os dois lados. É necessário, entretanto, enfatizar que a luta de muitas mulheres que buscam esse direito é pela descriminalização da prática no Brasil, visto que o aborto é apenas permitido em casos específicos como, por exemplo, estupro.

Mesmo tratando-se de um grande problema de saúde pública, e se conhecendo o transtorno que é para as mulheres que acabam optando por abortar, existem pessoas que querem retirar este direito até nos casos de abuso sexual, e quem acaba decidindo isso são os representantes políticos, que em sua maioria são homens brancos de classe alta, ou seja: existe uma grande contradição quando pessoas assim decidem sobre questões que não fazem parte de sua realidade.

É preciso que haja uma diversidade dentre este grupo de representantes políticos, para que casos assim não continuem acontecendo, onde homens brancos héteros e ricos decidem sobre o corpo de mulheres e sobre direitos de negros, índios, LGBTs, pobres. A representatividade é importante, se sentir ouvido e se identificar é essencial para que possamos tornar essas discussões mais democráticas.

Essa representatividade deve, portanto, ser encontrada nos livros didáticos. As alunas e os alunos devem enxergar-se em posições de poder para que possam ter incentivo de buscar tal posição. Quando os livros da coleção de Barros e Paulino (2012, p. 3) iniciam com “Caro aluno, cara aluna”, já percebemos a inclusão do feminino, onde as alunas também são convidadas a explorar os conteúdos.

A grande maioria dos livros analisados trouxe imagens de mulheres em posições de poder, em profissões onde ouvimos que são “locais para homens”, e isto configura como um importante ponto a ser destacado, pois a aluna que lê tal livro, e que vê tais figuras e textos, irá perceber que ela também pode estar naqueles locais, irá sentir-se motivada a buscar o que almeja, e essa possibilidade de alcançar precisa ser

dada as mulheres da mesma forma que é aos homens, inclusive em questões salariais, o reconhecimento deve ser igual.

Figura 2 - Representatividade feminina e étnica encontrada nos Livros Didáticos de Ciências



Fonte: A - Gewandsznajder (2013, p. 14); B - Gowdak; Martins (2012, p. 165); C - Gowdak; Martins (2012, p. 209); D - Gewandsznajder (2013, p. 156).

No âmbito dessa óptica da representatividade feminina, também foram encontradas imagens que traziam mulheres de diferentes etnias, o que contribui para o reconhecimento das leitoras, já que o Brasil é um país de dimensões continentais, apresentando culturas específicas em cada região e até mesmo em cada Estado, onde as pessoas têm costumes, aparências e tradições diferentes.

Os espaços culturais, como a mídia, a escola, as universidades, a televisão, os jornais, foram compreendidos como os locais a se ocupar, caso se busque ser ouvido, e assim fizeram os movimentos sociais, já que a voz que ecoava nesses meios era a do homem branco heterossexual, criando regras e padrões, e assim classificando como menos importante a mulher e os LGBTs (LOURO, 2008).

Essa busca por reconhecimento, por fazer conhecida a sua existência conversa com os Estudos Culturais, e dentro das discussões de gênero, Louro (2008, p. 21)

aponta que o desafio agora é justamente a compreensão de que o binarismo não cabe mais na expressão do gênero e da sexualidade, que estas fronteiras “vêm sendo constantemente atravessadas e – o que é ainda mais complicado – admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira”. O desafio, portanto, não é de fácil resolução, já que estamos lidando com construções históricas, e desconstruir algo requer tempo, diálogo, discussões e informação.

A escola, a sala de aula, o livro didático, o professor e a professora de Ciências, Biologia ou qualquer outra disciplina, devem compreender a importância que têm ao debater as questões de gênero, a influência que a omissão deste assunto ou a reprodução de estereótipos exerce na permanência e aumento do feminicídio, da homofobia, bifobia, transfobia, e tantas outras formas de violência física e psicológica que muitas vezes começam na infância, no próprio espaço escolar. Estas crianças não nascem com preconceitos, mas são educadas a excluírem aqueles que são fora dos padrões e, principalmente, a não fazerem parte deste grupo de pessoas, portanto, o debate e o conhecimento são essenciais.

Esta pesquisa visa portanto contribuir para a construção de um livro didático inclusivo, contextualizado com os aspectos socioculturais brasileiros, regionais, abordando temas de importância política, visto que as horas que nossas alunas e alunos passam nas escolas não devem servir para que eles decorem conceitos ou fórmulas, mas, sim, para que desenvolvam um pensamento crítico acerca do ambiente no qual estão inseridos, do momento que vivem, e da importância de se lutar pela equidade de direitos entre homens e mulheres; também pela conscientização em relação à violência, ao preconceito, e, assim, esses jovens possam crescer e tornarem-se adultos mais conscientes, respeitando o espaço e a forma de viver de cada um, com suas semelhanças e particularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os livros de Ciências analisados apresentaram algumas representações de gênero em seus discursos e o que se observou foi um teor técnico científico

predominante em relação às discussões socioculturais. A preocupação com os órgãos reprodutores, os processos fisiológicos, as diferenças anatômicas foram mais representativas, porém nem sempre tendo uma contextualização histórica ou social.

Como enfatizado durante este trabalho, essa visão do corpo humano como algo somente orgânico contribui para a reprodução de estereótipos e discursos excludentes. A discussão da educação sexual de forma higienista não contempla o leque de temáticas que o assunto engloba, o que pode prejudicar ou inibir as alunas e alunos no momento em que o conteúdo está sendo abordado na sala de aula.

Dentro do contexto caótico político social que nosso país tem vivido e compreendendo que o livro didático por si só não consegue fazer um apanhado de todos os aspectos de um conteúdo a ser trabalhado, é imprescindível que o professor também reconheça seu papel enquanto promotor de tais discussões, sendo um sujeito de pensamento crítico e que almeja uma mudança através dos debates na sala e na escola de forma a fazer com que seus alunos enxerguem esses temas de uma forma também crítica.

A abordagem do tema gênero na escola tem uma enorme importância, se feito de forma ampla, ressaltando as relações de poder que se instalam sobre homens e mulheres, as imposições, as expectativas, os preconceitos, para que o discente tenha um olhar para além da Biologia, percebendo que eles podem iniciar uma mudança na forma como tratam o outro, com mais respeito, alteridade, e apoiando a busca por direitos iguais para aqueles que são de alguma forma marginalizados devido a sua expressão de gênero ou sexualidade.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. M. Estudos culturais: o quê e o como da investigação. **Carnets**, Première Série - 1 Numéro Spécial, p. 451-461, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2001, 229p.

BARROS, C; PAULINO, W. **6º ano - O Meio Ambiente**. 5.ed. São Paulo: ática, 2012. 264 p.

BARROS, C; PAULINO, W. **8º ano - O Corpo Humano**. 5.ed. São Paulo: ática, 2012. 240 p.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

COSTA, M. V; SILVEIRA, R. H; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p.36-61, maio/jun./jul./ago. 2003.

GEWANDSZNAJDER, F. **8º ano - Nosso Corpo**. 1.ed. São Paulo: Editora Ática, 2013. 288p.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, p.28-40, 2003a.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago. 2008.

MINAYO, M. C. S; **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 13. ed., São Paulo: Hucitec, 2013.

REIS, H. J. D. A. **“O corpo humano é...”**: discursos sobre o corpo em livros didáticos de ciências do ensino fundamental de escolas municipais de São Luís – MA. 2017. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática/CCET, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SÁ-SILVA, J.R; ALMEIDA, C.D; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 1, jul. 2009.

SHIMABUKURO, V. **8º ano - Projeto Araribá: Ciências**. 3ed. São Paulo: Moderna, 2010. 240 p.

SOUZA, N. G. S; O corpo: inscrições do campo biológico e do cotidiano. **Educação e Realidade**, [S. l.], v. 30, n. 1, p.169-186, 2005.

VIEIRA, P. M; MATSUKURA, T. S. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. **Revista Brasileira de Educação**, v. 22, n. 69, p. 453-474, abr./jun. 2017.